

BIODIVERSIDADE E SOLIDARIEDADE NA 17ª FESTA DAS SEMENTES EM MANGUEIRINHA

Publicado em 15 de julho de 2022

Após dois anos sem realizar a tradicional festa regional das sementes, o município de Mangueirinha, região sudoeste do Paraná, recebeu a 17ª edição da festa com o tema “Sementes Crioulas: Resistindo, partilhando e preservando”.



Carregadas com sementes, mudas, alimentos para partilha e para ação de solidariedade, cerca de mil pessoas chegaram a Mangueirinha, nesta quinta-feira (14), para a 17ª Festa das Sementes. Agricultoras e agricultores, estudantes, profissionais da educação e de diversas áreas, assim como representantes das entidades de municípios do sudoeste e de outras regiões do Paraná, compartilharam sementes, alimentos e esperança em dias melhores.

A Festa se constitui como um espaço de articulação das trabalhadoras e trabalhadores e uma ferramenta de resistência, defesa, multiplicação e partilha das sementes crioulas, contribuindo para a soberania do campo e da cidade. O evento é organizado pelo Fórum Regional das Organizações e Movimentos Sociais do Campo e da Cidade do Sudoeste do Paraná, e teve apoio da Prefeitura Municipal de Mangueirinha, da Secretaria de Agricultura e da cooperativa de crédito Cresol.

“É uma alegria enorme perceber a importância da festa regional das sementes para o sudoeste do Paraná e para a nossa agricultura familiar. Ficamos muito felizes em ver todo esse povo aqui”, disse Cristiane Katzer, da coordenação do Fórum regional.

A Escola Municipal do Campo Osvaldo Cruz, de Mangueirinha, trouxe a representação das sementes e a importância delas para a agricultura familiar, contribuindo com a

realização da mística de abertura, mostrando aos participantes a diversidade, com uma chuva de bênçãos das sementes.



Leonardo Melgarejo, engenheiro agrônomo, e coordenador do fórum gaúcho de combate aos agrotóxicos, esteve presente na mesa de abertura, e abordou o resgate e a preservação das sementes crioulas. “Se nós todos somos sementes, se todas as nossas ações são sementeiras, nós temos uma preocupação vital com o futuro, o futuro importa mais do que o presente, porque o futuro é onde se entendem as nossas gerações”, enfatizou Melgarejo.

Ao final da manhã, as crianças participantes da Festa apresentaram os desenhos que realizaram na ciranda infantil, com as cores confeccionadas a partir de sementes.

PARTILHA DAS SEMENTES

A Festa das Sementes surge a partir do entendimento da importância de ter um momento para mostrar a riqueza que existe na região e a grandeza da agricultura familiar, e para fazer o contraponto ao agronegócio. A realização se dá, principalmente, com a troca de sementes e suas variedades entre os participantes, fomentando a produção e a diversidade das espécies. Para isso, foi realizada a bênção das sementes, antes da partilha.

Padre Vagner, coordenador diocesano da ação evangelizadora, Padre Ademir, do município de Verê, e o Padre Francisco, de Manguieirinha, realizaram a bênção das sementes e mudas que foram compartilhadas, além das cestas de alimentos entregues na ação de solidariedade.



As guardiãs e os guardiões das sementes, pessoas convidadas das organizações e instituições, trouxeram grande diversidade de sementes, mudas frutíferas, chá, ovos, batatas e mandiocas, reafirmando a biodiversidade existente na região Sudoeste e em todo estado.

A agricultora familiar, Floripa dos Santos, do município de Mangueirinha, disse das sementes que compartilhou e trocou para ampliar a diversidade do que ela já planta. “Eu levei minhas pipoquinhas e feijões que eu planto, e trouxe semente de milho preto de outra qualidade, feijão, soja para semente, purunguinha doce, ervilha de árvore. Trouxe essas qualidades que eu não tinha e nós trocamos na festa”, contou a agricultora, já animada para a próxima edição.

DOAÇÃO DE TRÊS TONELADAS DE ALIMENTOS

Mais de três toneladas de alimentos foram arrecadados e doados a cerca de 100 famílias em situação de vulnerabilidade do município de Mangueirinha. A ação é resultado de uma campanha de solidariedade promovida pela equipe organizadora e por quem participou desta edição da festa. As doações vieram de pessoas da agricultura familiar, atingidas por barragens, de assentamentos e acampamentos, sindicatos, cooperativas e trabalhadoras e trabalhadores urbanos.



“Semente é soberania alimentar. Hoje, no Brasil, nós temos 33 milhões de pessoas passando fome, pessoas que não vão ter o que comer, e nós precisamos estar cada vez mais unidos e lutando, para que a gente tenha soberania das sementes, a soberania alimentar, para que no Brasil ninguém mais passe fome”, enfatizou Cristiane Katzer, do fórum regional.

Disponível em < <https://assesoar.org.br/biodiversidade-e-solidariedade-na-17a-festa-das-sementes-em-mangueirinha/>> Acesso em 07 de abril de 2023.

PARA GARANTIR A CONSERVAÇÃO DA AGROBIODIVERSIDADE NO PARANÁ DUARANTE A PANDEMIA, PROJETO PREVÊ A CIRCULAÇÃO DE SEMENTES CRIOULAS

Publicado em 3 de novembro de 2020

Proposta da Rede Sementes da Agroecologia (ReSA) tem objetivo de assegurar a produção de alimentos saudáveis, fortalecendo a agricultura familiar, povos indígenas e comunidades tradicionais



Já estava tudo planejado: a partir de maio de 2020, o grupo de mais de 100 agricultoras e agricultores guardiões das sementes crioulas no Paraná participaria de mais de 30 feiras, em toda a região sul do País, para disseminar e trocar experiências sobre agrobiodiversidade, agricultura familiar e alimentação saudável. Mas, com a pandemia de Covid-19, os planos tiveram de ser adiados. Mais do que isso: repensados, adequados à uma realidade ainda em construção.

Os guardiões e guardiãs integram a Rede Sementes da Agroecologia (ReSA), que nasceu em 2015 como um espaço de articulação e organização de iniciativas que dizem respeito às sementes no Paraná. As guardiãs e guardiões são pessoas que têm um profundo respeito e uma relação muito próxima com a natureza. Se preocupam com todo o processo de resgate, multiplicação, colheita e armazenamento de sementes.

A ReSA tem como objetivo fortalecer a agroecologia como modelo para a produção de alimentos, garantindo uma maior autonomia às famílias produtoras e consumidoras, promovendo o conhecimento e a multiplicação das variedades e das experiências.

Para Janete Rosane Fabro, da equipe de Agroecologia da Assesoar, “o projeto realizado em parceria da ReSA, Ministério Público do Trabalho do Paraná e AS-PTA, possibilitou não apenas gerar renda as guardiãs e guardiões de sementes, mas também demonstrou ser

um importante instrumento na manutenção e ampliação da agrobiodiversidade e, consequentemente, ampliação da produção ecológica”.



A doação das sementes, cujo foco principal foi atingir os povos tradicionais, permitiu a Rede Sementes da Agroecologia, ampliar sua ação no estado do Paraná. Para as populações que as receberam é uma possibilidade de retomar ou ampliar a produção de forma autônoma, retomando seus territórios e suas tradições.

Durante as entregas, houveram várias afirmações de que as sementes crioulas serão a possibilidade concreta de sair do modelo de produção dominante, recriando novas relações não apenas produtivas, mas também organizativas e de autonomia das comunidades.

Foram necessários novos olhares e perspectivas na busca por alternativas para que as famílias possam fazer circular as sementes da safra 2019/2020. Além disso, frente a um cenário de total descaso do estado em políticas de apoio a agricultura familiar, era necessário viabilizar uma forma de ajuda emergencial aos guardiões e guardiãs na comercialização dessas sementes, que estão armazenadas e preparadas em propriedades rurais e urbanas. É vital que os estoques circulem e sejam vendidos para que não haja perdas – especialmente em sua qualidade de germinação, gerando renda para as famílias agricultoras.

Em agosto deste ano, Jair Bolsonaro (sem partido) vetou quase integralmente a Lei nº 14.048, que previa a extensão do auxílio emergencial para agricultores e agricultoras que ainda não receberam o benefício, assim como fomento de crédito e incentivos para a produção de alimentos. Passados mais de sete meses do início da pandemia e com nítido aumento do empobrecimento do campo, as organizações sociais e movimentos camponeses aguardam e pressionam o Congresso Nacional para análise dos vetos presidenciais.



PARCERIA PARA QUE AS SEMENTES CIRCULEM

Em maio, a ReSA decidiu buscar auxílio para pôr em prática o Projeto Emergencial de Conservação e Multiplicação da Agrobiodiversidade no Paraná. A ideia é contribuir para a proteção da agrobiodiversidade e valorização econômica da produção de sementes destinadas à produção de alimentos saudáveis, fortalecendo a agricultura familiar, povos indígenas e comunidades tradicionais.

Com apoio do Ministério Público do Paraná (MPT-PR), que acredita na promoção da agricultura familiar e na conservação das sementes crioulas, a ação se tornou possível. “O Ministério Público do Trabalho tem por atribuição garantir melhoria nas condições de trabalho e renda de todos os trabalhadores, neles incluídos os pequenos agricultores que trabalham em regime de economia familiar. Para além disso, a produção de alimentos agroecológicos dispensa o uso de agrotóxicos, o que, além de proteger o meio ambiente como um todo, também promove impactos positivos no meio ambiente de trabalho, assegurando saúde para quem trabalha”, afirma a procuradora-chefe do MPT no Paraná, Margaret Matos de Carvalho.

CONSERVAR E MULTIPLICAR – A REDE DE GUARDIÃS E GUARDIÕES

A proposta da ReSA é adquirir sementes diretamente das famílias guardiãs ligadas à rede e distribuí-las para famílias agricultoras – que já produzam ou que estão iniciando. A estimativa é que 2.500 famílias de todas as regiões do estado recebam as sementes crioulas, tornando-se também guardiões e multiplicadores da agrobiodiversidade no Paraná.

“É importante ressaltar que a articulação de diferentes organizações sociais do campo com as famílias guardiãs desde os anos 80 fortalece a criação de redes de tecnologias alternativas, reafirmando estratégias coletivas de resistência ao modelo da revolução verde”, afirma André Jantara, assessor técnico da AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia. A ReSA é uma das diversidades redes agroecológicas que surge deste processo de articulação.

PRÓXIMOS PASSOS

Mais de 25 variedades de milho, 6 de feijão e 4 de arroz estão a caminho ou já chegaram nas diferentes regiões do estado. Haverá um ato simbólico de entrega das sementes na próxima sexta-feira, dia 6/11, a partir das 14 horas, no município de Rebouças, com a participação de representantes do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais e famílias agricultoras que receberam os cereais. O ato será realizado em ambiente aberto, respeitando todos os protocolos sanitários de segurança para prevenção do contágio de Covid-19.



Após a finalização da primeira etapa de entregas, será iniciada a logística de próxima etapa, com as sementes e mudas de hortaliças, plantas medicinais, frutíferas e flores, que beneficiarão as mesmas comunidades. A previsão é que as entregas sejam realizadas entre novembro e dezembro deste ano.

As sementes crioulas são variedades desenvolvidas, adaptadas ou produzidas por agricultoras/es familiares, assentadas/os da reforma agrária, comunidades indígenas e quilombolas, comunidades tradicionais, com características que os/as agricultores/as e comunidades selecionaram por várias gerações, e adaptadas aos seus sistemas de produção. O resultado é um material único, adaptado a diversas situações climáticas, rico nutricionalmente e culturalmente.

ORGANIZAÇÕES QUE INTEGRAM A ReSA

A Rede Sementes da Agroecologia é composta por diversas organizações e movimentos sociais que atuam pela preservação da agrobiodiversidade, tanto no campo quanto na cidade. Veja quais são: ABAI, ASSESOAR, AOPA, AS-PTA Agricultura Familiar e

Agroecologia, Rede Ecovida, CPT, CAPA, MST, Terra de Direitos, Instituto Contestado de Agroecologia, Coletivo Triunfo, Centro Ecológico Terra Viva, Coletivo de Jovens de São João do Triunfo, Fecoqui-PR, Grupo Terra Jovem, Terra Indígena Pinhalzinho, Terra Indígena Laranjinha, Terra Indígena Ywy Porã e UEPG-LAMA.

Disponível em <<https://assesoar.org.br/para-garantir-a-conservacao-da-agrobiodiversidade-no-parana-durante-a-pandemia-projeto-preve-a-circulacao-de-sementes-crioulas/>> Acesso em 7 de abril de 2023.

MILHO TRANSGÊNICO CONTAMINA SEMENTES CRIOULAS DE AGRICULTORES FAMILIARES

Publicado em 5 de fevereiro de 2020
Cristiane Sampaio/Brasil de Fato | Brasília (DF)

Produtores relatam prejuízos econômicos e culturais por conta de plantações de produto geneticamente modificado. Trabalhadores do campo e especialistas questionam as regras atuais destinadas às plantações de milho transgênico.



Foto: Cleverson Beje/FAEP

O agricultor familiar Odair Prestupa, morador do município de Rio Azul, no Paraná, tem uma relação visceral com o campo. Hoje com quase 30 anos, ele atua desde a infância na roça, onde cultiva milho, feijão, abóbora, mandioca, batata-doce e outros gêneros.

No ano passado, a rotina de aparente tranquilidade da produção foi interrompida por um susto causado pelo que chama de “grande decepção”. Depois de comprar, de outro agricultor, 40 kg de sementes de milho crioulas, e passar cerca de oito meses cultivando o produto na lavoura, Prestupa descobriu que elas estavam contaminadas por milho transgênico. Os resultados foram a perda dos R\$ 400 investidos na compra e ainda a frustração da família, que vive da agricultura.

“Eu plantei no intuito de, quando tivesse feira ou alguma venda, a gente pudesse vender, até pra ter uma renda a mais pra família. Não pude comercializar e nem ficar com essa semente. Pra um novo plantio, tive que comprar novamente semente crioula. Foi todo um ano de trabalho, toda uma expectativa. É você ter que voltar à estaca zero”, lamenta.

TRANSGÊNICOS COLOCAM EM RISCO OUTROS CULTIVOS

O episódio envolvendo a produção do agricultor é um drama que atinge trabalhadores do campo de diversas outras regiões do país. O agroecólogo Philipe Caetano, do Movimento Camponês Popular (MCP), explica que as plantações de milho transgênico trazem riscos aos cultivos de lotes próximos porque o pólen da planta é levado, pela ação dos ventos, a fecundar a flor fêmea de uma planta crioula.

Com isso, as sementes crioulas, diretamente associadas ao caráter tradicional da agricultura familiar, ficam contaminadas.

“Quando ocorre uma contaminação, não é impossível, mas é praticamente impossível se descontaminar porque é um processo muito caro, e a agricultura familiar, camponesa não tem condições pra isso. E aí, quando contamina, você deixa de acessar alguns mercados, por exemplo”, explica o especialista.

Por esse motivo, trabalhadores do campo e especialistas questionam as regras atuais destinadas às plantações de milho transgênico. A Resolução Normativa (RN) nº 4, de 2007, determina uma distância igual ou superior a 100 metros ou, de forma alternativa, define que devem ser considerados 20 metros com uma borda de 10 fileiras de milho convencional para mensurar o espaço entre esse tipo de cultivo e as plantações não transgênicas.

PLANTAÇÃO CONTAMINADA

Camponeses apontam, no entanto, que a medida não garante a segurança no campo. É o que afirma o agricultor familiar Silvestre de Oliveira Santos, do município de Fernandes Pinheiro, Sul do Paraná. No ano passado, ele teve uma plantação contaminada pelo milho geneticamente modificado de uma propriedade vizinha localizada a cerca de 500 metros da sua.

Santos conta que perdeu uma variedade de milho crioulo de grande valor para a família, que a mantinha há 35 anos. A parte contaminada da plantação estava sendo cultivada há cerca de três anos.

“Eu tenho 4 hectares de terra aqui no trabalho, então, sou agricultor familiar pequeno. Tem a minha esposa e minha filha e nós fazemos tudo no trabalho braçal. A gente não tem maquinário, faz tudo com tração animal. É disso que eu sobrevivo”, desabafou, acrescentando que o prejuízo foi incalculável.

Diante dessa experiência, ele é hoje um dos agricultores que aguardam com ansiedade o julgamento de uma ação civil pública (ACP) que trata sobre o tema. Apresentado em 2007 por organizações da sociedade civil, o pedido é para que a Justiça determine a realização de estudos e análises consistentes para definir regras que garantam uma maior segurança no que se refere às distâncias relacionadas ao milho transgênico.

“Tem que alguém das autoridades tomar providência, senão não sei como vai ficar”, afirma Silvestre, mencionando a ação.

O processo tramita atualmente no Superior Tribunal de Justiça (STJ) e tinha julgamento marcado para dezembro de 2019, mas foi adiado. Ainda não há nova previsão de data para a apreciação do pedido, que é assinado pela ONG Terra de Direitos, o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec), a Associação Nacional de Pequenos Agricultores (Anpa) e a Assessoria de Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA).

VALORIZAÇÃO

Enquanto isso, os camponeses seguem em campanha permanente pela valorização das sementes crioulas. O agroecólogo Philippe Caetano destaca que elas têm elevado valor cultural para as comunidades rurais, constituindo a base de uma cadeia que relaciona natureza, homem e valores ligados ao trabalho.

“Cada semente dessa tem uma história e uma característica. Tem milho, por exemplo, que é bom pra fazer artesanato. Já tem outros [*agricultores*] que preferem um milho que cresça mais, porque serve de alimentação pros animais. Então, cada variedade carrega uma história, uma cultura, uma renda, um trabalho”.

Profundo conhecedor do assunto, o agricultor paranaense Odair Prestupa conhece bem o valor do produto, que ele destaca ser ainda de maior qualidade e ter custo mais baixo que as sementes transgênicas.

“Fora [*o fato de ser*] um meio de subsistência da família, tem todo um trabalho de você ter sua semente, de elas se reproduzirem muito bem e já estarem adaptadas à questão do clima e ao solo. E sem tirar a questão do valor sentimental mesmo. Tem família que acaba até colocando o seu sobrenome na semente”, conta.

A população do campo teme que um eventual avanço do cultivo de transgênicos leve a uma multiplicação dos danos provocados por esse tipo de plantação, como a diminuição da variedade de alimentos.

Philippe Caetano cita como exemplo o caso da fava, cuja semente hoje é produzida somente por pequenos agricultores, estando fora do portfólio das companhias do agronegócio que dominam o mercado.

“As empresas se restringem a produzir sementes de algumas poucas culturas, e aí a gente vai perdendo costumes e um pouco da nossa história também. A partir do trabalho dos agricultores, a gente conserva uma agrobiodiversidade gigantesca”, compara o agroecólogo.

Disponível em: <https://assesoar.org.br/milho-transgenico-contamina-sementes-crioulas-de-agricultores-familiares/> Acesso em 7 de abril de 2023.